



O DESBRAVADOR

ORGÃO DO GRÊMIO CULTURAL «SANTA MARIA»



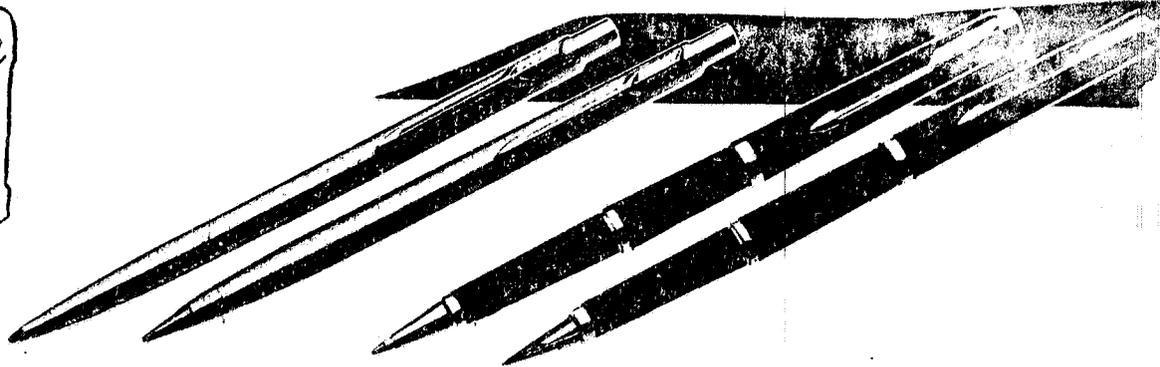
Garcia Moreno, presidente-mártir do Equador

ANO 12

MARÇO/ABRIL 91

N.ºS 135/136

escrevem
os
leitores



"...Recebi o último "O Desbravador", 129/130 e gostei muito... Peço em minhas orações por vocês para que continuem esse trabalho maravilhoso. Nossa Senhora dará força a vocês para que continuem nos ajudando com este trabalho exemplar..."

ARLINDO SOARES DE SOUZA
SABARÁ - MG

"...Venho através desta solicitar a fineza de saber como receber a revista "O Desbravador", a qual me interessa muito... Em tempos difíceis só a Fé e a devoção nos salvarão..."

VENILSON DE SOUZA OLIVEIRA
SÃO PAULO - SP

"...Vocês não sabem como eu fiquei feliz por que vocês atenderam o meu pedido, mandando este jornalzinho para mim. Gostei de todos que vocês já mandaram..."

ISABEL BARROS SANTOS
SÃO PAULO - SP

"...Gostaria de continuar recebendo este jornal, pois para mim é de grande interesse e já, há vários anos, tenho o prazer de recebê-lo em minha casa..."

MARIA APARECIDA DE CASTRO
SÃO PAULO - SP

"...Caro amigo, Pax!... Sou seminarista franciscano e conheço a revista "O Desbravador"... Gostaria de receber um exemplar por mês..."

ALESSANDRO GRACIANO
CURITIBA - PR

"...Venho através desta missiva parabenizar este órgão, que leva a Palavra de Deus e o Amor de Nossa Senhora. Que Deus os abençoe hoje e sempre... Peço, se possível, me enviar os números do ano passado e deste para eu poder encadernar, pois temos em nossa comunidade uma pequena biblioteca e eu sei que "O Desbravador" será muito pesquisado..."

VALDIR IRINEU BACKMANN
PARAGUAÇU PAULISTA - SP



O DESBRAVADOR
ORGÃO DO GRÊMIO CULTURAL «SANTA MARIA»

DIRETOR:
MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTES DE DIREÇÃO

ANSELMO LÁZARO BRANCO
JOSÉ HENRIQUE DO CARMO

SUPERVISÃO

SELMA AP. L. B. DE MATTOS
HERIBALDO C. DE BARROS
GERALDO JOSÉ DE MATOS
PAULO HENRIQUE SALLES

COMPOSIÇÃO

ESTÚDIO "FRA ANGÉLICO"

REDAÇÃO

REINALDO R. DOS SANTOS
RONILSON VERÍSSIMO
NILTON R. DOS SANTOS
SÁVIO FERNANDES BEZERRA
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA
FRANCISCO DE ASSIS DA SILVA

SECRETARIA

SHEFFERSON SANDER FERREIRA
PATRÍCIA MIDÕES
MARIA DO CARMO M. RUFINO

EXPEDIÇÃO

WALADIER NERI S. MACHADO
GERSON FERNANDES DOS SANTOS
JOÃO ELCI DO ROSÁRIO
JORGE HENRIQUE SIQUEIRA RIBEIRO
RENATO VERÍSSIMO
ROGÉRIO VERÍSSIMO

CORRESPONDÊNCIA

CAIXA POSTAL - 6416
01051 - SÃO PAULO - SP

Editorial

Em todo o mundo hã queixas generalizadas contra políticos e governantes. Avolumam-se os problemas e a impressão que se tem é que ditas pessoas sã pensam nos seus interesses.

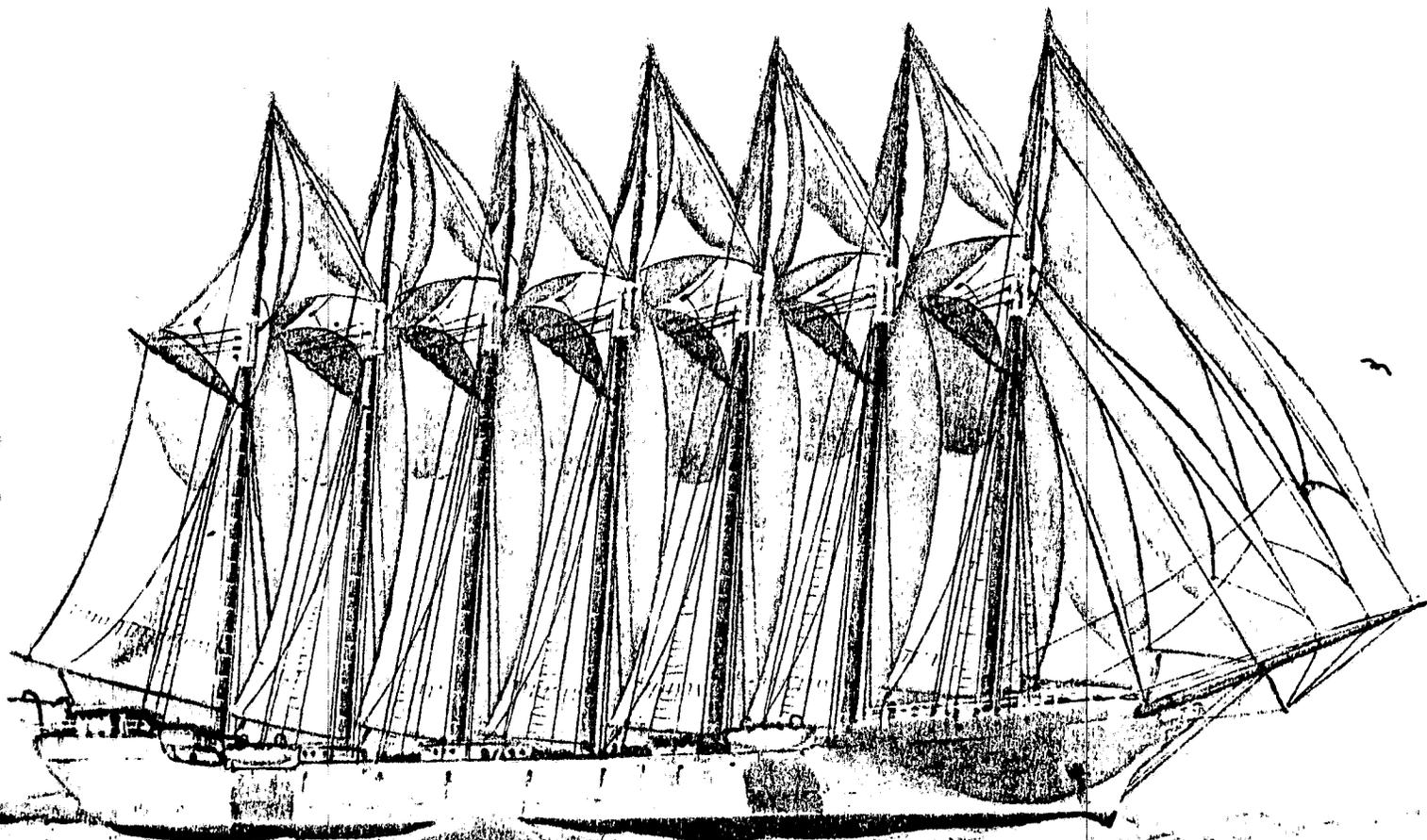
Diante desse quadro é oportuníssimo mostrarmos a biografia do grande homem público, do grande presidente equatoriano, do grande católico Gabriel Garcia Moreno.

Sim, este homem com um governo inteiramente baseado em princípios católicos mudou a face de sua pátria, conseguindo de um lado a solução dos problemas materiais do Equador, de outro um aprimoramento espiritual de todo o seu povo.

Em seu governo houve progresso generalizado, pois Deus era o Verdadeiro Senhor.

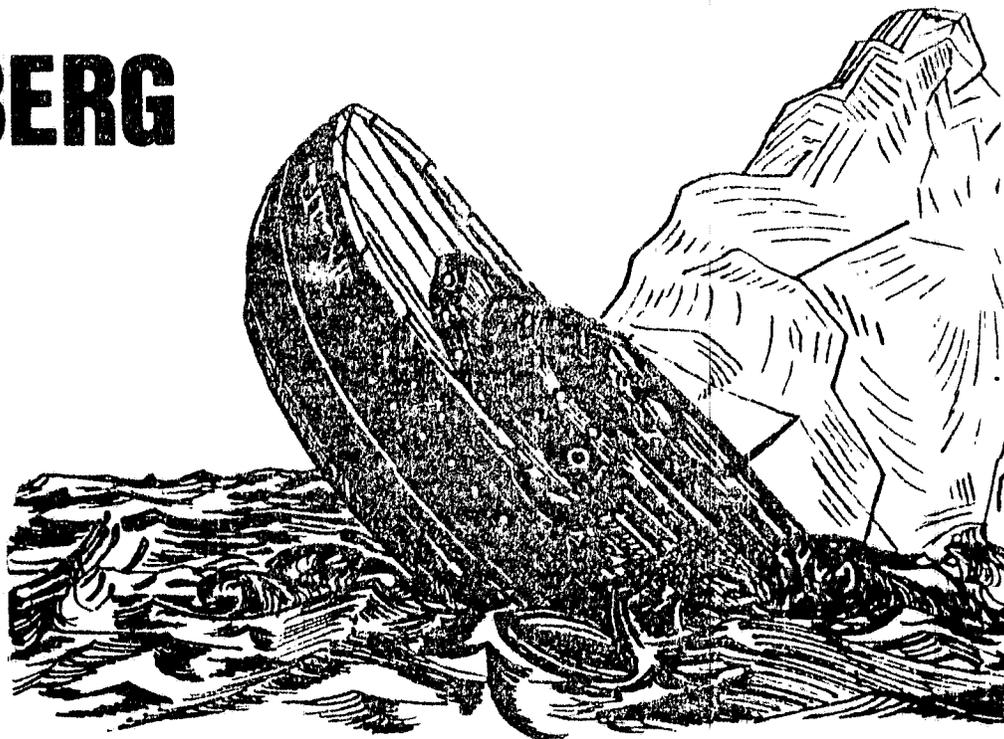
Somente assim os problemas das nações podem ser resolvidos. Somente com governantes e povo fiéis à Santa Igreja.

Que Nossa Senhora que tudo pode junto ao Coração de Jesus nos alcance a dita de termos no Brasil e no mundo um sem número de governantes como foi Garcia Moreno.



"A VITÓRIA MAIS BELA QUE SE PODE ALCANÇAR É VENCER-SE A SI MESMO"
(Santo Inácio de Loyola)

O ICEBERG



Estão se tornando frequentíssimas as mortes de jovens por "overdose" de drogas.

Nas horas em que isso acontece há uma grande comoção, e logo não se comenta mais o assunto. Mas, para não sermos avestruz, nós pretendemos esmiuçar, um pouco, o problema.

As mortes por "overdose" são a ponta de um grande "iceberg", um imenso "iceberg" que permanece aparentemente oculto e somente quando uma grande tragédia ocorre (por exemplo as mortes acima mencionadas) se vê algo deles.

Este "iceberg" chama-se crise de juventude, tem múltiplas facetas e tem solução.

As facetas são conhecidas: drogas, perversões, delinquência juvenil, suicídios entre jovens, abandonos do lar paterno, etc.

Para tudo isso vem se tentando soluções: escolas disso, cursos daquilo, psicólogos, terapeutas, psiquiatras, psicanalistas etc.

Pelo que se tem visto, nada dessas coisas vem resolvendo a problemática, antes, o problema se alarga e se alastra a cada dia e a olhos vistos, para aqueles que querem ver.

Portanto, a solução não está nas inúmeras tentativas que vem sendo feitas.

Não há ilusões, há solução. E, a solução passa necessariamente pelo problema religioso. Não há como tapar o sol com a peneira, ou levamos Deus aos jovens e esses até Deus ou eles rolarão escada a baixo cada vez com mais violência.

Ou evangelizamos os jovens ou eles tornar-se-ão brutos como os irracionais. Ou os levamos à prática dos Sacramentos ou eles continuarão na sua caminhada ruínosa. Ou o jovem pratica as virtudes cristãs ou ele se manterá no seu estado horroroso atual.

Em resumo, se quisermos uma juventude sã e sadia é preciso fazê-la voltar a viver catolicamente.

Jovens castos (e como a palavra castidade está esquecida atualmente), jovens que frequentem os Sacramentos, jovens que busquem um ideal católico, esses não ficarão no vazio em que se encontram os moços de hoje e em consequência não buscarão as falsas soluções que tantos ilusoriamente buscam hoje.

Os que não acreditam no que dizemos e já tentaram tantas "saídas", porque não fazem a experiência, santa experiência, de cristianizar os jovens? Temos certeza que não se arrependerão.

DEUS NÃO MORRE!



Vinte e um de novembro de 1852. Debaixo de uma enorme tempestade, uma cena trágica está se passando na cidade de Quito, Capital do Equador. O ditador Urbi na havia assinado um decreto iníquo, expulsando todos os Jesuítas do país. Uma grande multidão, indiferente à chuva, se reuniu em frente ao convento para assistir à saída dos religiosos que partem para o exílio. Bem junto à porta um jovem com uma perna ferida e necessitando usar muletas, também espera. Ele é amigo do padre superior, e quando este sai, o jovem lhe diz:

— "Dentro de dez anos os senhores estarão de volta, e então nós cantaremos juntos o "Te Deum" na Catedral".

Os padres, um a um vão saindo. O último é um noviço de apenas dezessete anos. Esse não tem obrigação de ir embora, porque o decreto expulsa apenas os padres. Dá-se então uma cena impressionante: a mãe do rapazinho, querendo de

todas as formas segurar o seu filho, vem chorando, e se deita à sua frente, barrando a saída, e impedindo-o de passar. O rapaz hesita, e pensa em desistir. Nesse instante, a voz autoritária e decidida do moço de muletas se faz ouvir:

— "Firme Manoelito! Firme!"

Estimulado por este brado, Manoelito cria ânimo, pula sobre o corpo de sua mãe, e segue com os outros para o exílio e para a glória.

A multidão se dispersa aos poucos, debaixo da chuva. O último é o moço de muletas, que se deteve para uma breve oração, e depois se afasta lento e pensativo. O jovem Gabriel Garcia Moreno fazia planos para o porvir.

Um mes depois da expulsão dos jesuítas, Garcia Moreno fundou um jornal ("La Nacion") com a finalidade de combater os crimes do governo. O ditador lhe mandou dizer que se ele publicasse o segundo número seria expulso do país. Ele respondeu:

— "Eu tinha numerosos motivos para publicar o meu jornal. Agora tenho mais um: o não desonrar-me cedendo às suas ameaças".

Ele publicou o segundo número e foi expulso do Equador, seguindo depois de algum tempo para Paris. Na capital da França, influenciado pelo ambiente mundano, ele foi pouco a pouco perdendo o ânimo e a vontade de lutar. Foi então que se deu um fato providencial, que lhe abriu os olhos para o perigo que estava correndo, e lhe ajudou a melhorar.

"A QUANTO TEMPO VOCÊ NÃO se CONFESSA?"

Certo dia em que um grupo de estudantes atacava a religião católica, Garcia Moreno pôs-se a defendê-la com ardor. Um dos rapazes lhe objetou:

— "Você falou bem, mas acho que não pratica o que fala. A quanto tempo você não se confessa?"

Desconcertado por um instante, Garcia Moreno respondeu:

— "Esse argumento vos parece bom

hoje, mas eu lhe dou a minha palavra que amanhã não valerá mais."

Deixando o local, fez longa meditação e depois foi diretamente se confessar. No dia seguinte recebia a comunhão. Retornou então a seus hábitos de piedade para nunca mais deixá-los. Comungava quase todos os dias, e rezava diariamente o terço, devoção que sua mãe lhe havia ensinado.

DE VOLTA AO EQUADOR

Em 1856 o ditador Urbina deixou o poder e Garcia Moreno pode voltar ao Equador. Imediatamente fundou um novo jornal ("La Union Nacional"), para combater o novo governo, que também não apoiava a Igreja. Em 1857 é eleito senador, e apresenta projeto de lei proibindo a maçonaria no país, alegando que esta era uma seita condenada pela Igreja, e que portanto não podia ser admitida num país católico como o Equador. Por causa dessas atitudes recebeu várias ameaças de assassinato, que só não se cumpriram porque o povo o rodeava e protegia em qualquer lugar que estivesse.

Em 1859 uma revolução depõe o governo, e Garcia Moreno assume a chefia do governo provisório. Em 1861 é eleito regularmente presidente da República, e seu primeiro ato é chamar de novo os padres jesuítas. O exílio havia durado exatamente dez anos.

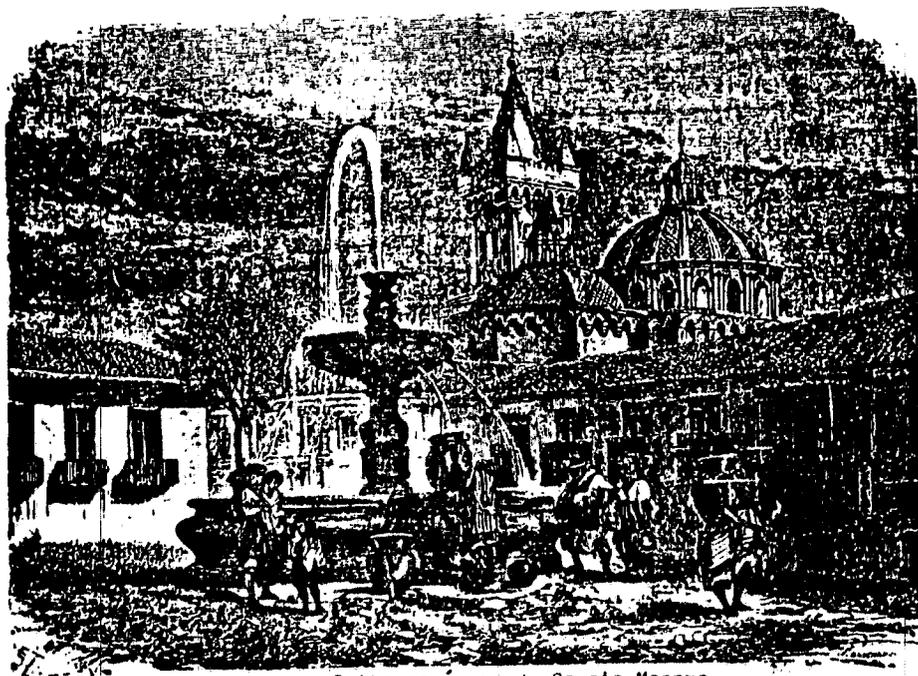
OS FRUTOS DE UM GOVERNO CATÓLICO

"Ditoso é o povo cujo senhor é Deus", diz a Sagrada Escritura. e ditoso foi o Equador enquanto foi governado por esse presidente que em tudo era fiel e submisso a Deus.

O primeiro período da presidência de Garcia Moreno foi de 1861 a 1865. Deixando o poder então, pois a lei não permitia a reeleição, foi novamente eleito em 1870, pela maioria absoluta e triunfal. Os historiadores são unânimes em afirmar que nunca o Equador teve tanto desenvolvimento e progresso. Abriram-se estradas de ferro e de rodagem por todo o país; fundaram-se escolas em todas as aldeias; as populações indígenas foram protegidas e receberam educação; construíram-se hospitais; abriram-se colégios e universidades. Os roubos e os abusos administrativos foram combatidos de forma radical e inexorável.

A CONSAGRAÇÃO

Mas Garcia Moreno sabia que só existe verdadeiro progresso onde há verdadeira moral, e só há verdadeira moral onde se pratica a verdadeira religião. Por isso, mandou pedir aos redentoristas espanhóis que viessem — com todas as despesas pagas pelo governo — pregar uma grande missão em todo o Equador. E ao mesmo tempo, por sugestão do Padre Manoel



Uma praça de Quito na época de Garcia Moreno



Proaño (o "Manoelito que anos antes ele havia estimulado para Deus e para a fê), mandou pedir aos bispos do Equador que consagrassem o país inteiro ao Sacratissimo Coração de Jesus. Os bispos, aproveitando a ocasião de um concílio provincial, fizeram a consagração. Imediatamente o Congresso por unanimidade a transformou em lei, que Garcia Moreno solenemente assinou. A 18 de outubro de 1873, o Diário Oficial publicou a lei em sua primeira página, impressa não com tinta comum, mas com letras de ouro. E no dia 25 de março de 1874, em todas as igrejas do Equador, o clero, os governantes e todo o povo recitavam em conjunto a consagração solene, acompanhada pelos toques de sino, e pelas salvas de canhão:

"Este é, Senhor, o vosso povo (...). Nossos inimigos insultam a nossa fê, e se riem de nossas esperanças, porque elas estão em Vós (...).

"Que Vosso Coração seja o farol luminoso de nossa fê, âncora segura de nossa esperança, o emblema de nossas bandeiras, o escudo impenetrável de nossa fraqueza, a aurora formosa de uma paz imperturbável, o vínculo estreito de uma concórdia santa, a chuva que fecunda nossos campos, o sol que ilumina nossos horizontes, e enfim, a prosperidade e a abundância que necessitamos para levantar templos e altares de onde brilhe, com eternos resplendores, a Vossa Santa Glória (...).

E o imponente rugido dos canhões, e o bimbalar solene dos sinos, e a música festiva das bandas militares anunciavam ao mundo inteiro que aquele pequeno povo não tinha medo de se dizer católico, e diante de um mundo ímpio e ateu, não se envergonhava de levantar bem alto o estandarte da verdadeira fê.

CARREGANDO A CRUZ

Pouco tempo depois os padres redentoristas chegaram ao Equador, e deram início à pregação das missões. Apesar das chuvas torrenciais, as igrejas estavam repletas, com milhares e milhares de fiéis. O próprio presidente, o delegado apostólico, e o arcebispo de Quito não perdiam uma só pregação. A 24 de abril teve lugar a comunhão geral das mulheres. No dia seguinte, milhares de homens invadiram as igrejas para se confessar. Garcia Moreno foi à Catedral, e envolto em sua capa, se ajoelhou na fila, atrás do último penitente. O confessor o viu, e lhe foi falar: "Excelência, vós deveis ter muitas ocupações. Eu o atenderei antes em confissão". E Garcia Moreno: "Padre, eu tenho que dar exemplo ao meu povo. Eu aguardo a minha vez."

No dia seguinte, depois da triunfal comunhão dos homens pela manhã, haveria encerramento da missão à tarde, com a procissão da Santa Cruz. Para tal havia sido preparada uma cruz enorme, que dezenas de homens juntos deviam carregar.



"NUNCA PODERÍAMOS AMAR-MOS MUTUAMENTE COM VERDADEIRO AMOR SE NÃO AMÁSSEMOS A DEUS. AMA O PRÓXIMO COMO A SI MESMO AQUELE QUE AMA A DEUS" (santo Agostinho)

No sermão de encerramento o pregador comentou que antigamente os reis e governantes "eram crentes e fervorosos, e não se envergonhavam de seu Deus, ainda que fosse um Deus Crucificado. Mas (continuava ele) agora não existe mais nem sombra daqueles homens. Em seu lugar temos reis de baralho, e presidentes da república de papel..."

O padre não pode continuar falando. O presidente se pos de pé, e estendendo o seu braço para o pregador, disse em alta voz:

"Padre Lopes,.....! Eu, presidente desta república, não me envergonho de Cristo Crucificado. Eu também irei carregar a Cruz!"

O padre, que não queria outra coisa, encerrou logo o sermão, e a procissão se iniciou.

Garcia Moreno, todos os ministros de Estado, e todos os altos funcionários do governo percorreram as ruas de Quito carregando a enorme Cruz. E o presidente não deixou que o substituíssem:

"Não quero que isto seja apenas uma cerimônia". E prosseguiu até o fim, tendo se aberto uma chaga em seu ombro, como resultado de seu ardor.

Pouco tempo depois, uma revista maçônica comentou: "Quando soubemos que esse homem havia levado processionalmente uma cruz pelas ruas de Quito, vimos que a medida estava cheia, e decretamos a sua morte". Na Europa, vários jornais maçônicos comentaram abertamente que logo Garcia Moreno iria morrer.

DEUS NÃO MORRE

Seis de agosto de 1874. Pela manhã, o Senhor Presidente e sua Exma. esposa estiveram na Igreja de São Domingos, onde S. Excia. assistiu à Santa Missa, e recebeu a Sagrada Comunhão. Agora, uma e quinze da tarde, Garcia Moreno caminha para o Palácio do Governo. No caminho entra na Catedral e adora o Santíssimo Sacramento, exposto solenemente, por ser esta a primeira sexta-feira do mês.

Dez minutos depois, S. Excia. prossegue o seu caminho, e sobe as escadas que conduzem ao balcão do palácio. Então, um grupo de pessoas o cerca, e um deles, por trás, lhe desfere na cabeça um violento golpe de machado. Dois outros se adiantam e lhe dão vários tiros à queima-roupa. De novo outra machadada ainda mais forte o atira ao chão, e de novo os revólveres disparam sobre ele. Seu corpo é atirado do balcão para o chão da praça, ainda com vida. Ao perceber isso o assassino furioso desce do balcão e prossegue

desferindo machadadas sobre o corpo indefeso do presidente. E grita: "Morre, hipócrita! Morre, infame! Jesuíta com casaca! Morre, tirano!" E então, Garcia Moreno, num supremo esforço, levanta a cabeça e diz: "Deus não morre!"

O assassino tenta fugir, mas logo se forma um tumulto, e ele é preso e linchado pelo povo enfurecido. O presidente, ainda vivo, é transportado para o interior da catedral, e diante do Santíssimo Sacramento exposto, recebe a extrema-unção. E alguns instantes depois, a alma desse verdadeiro católico voou para o céu.

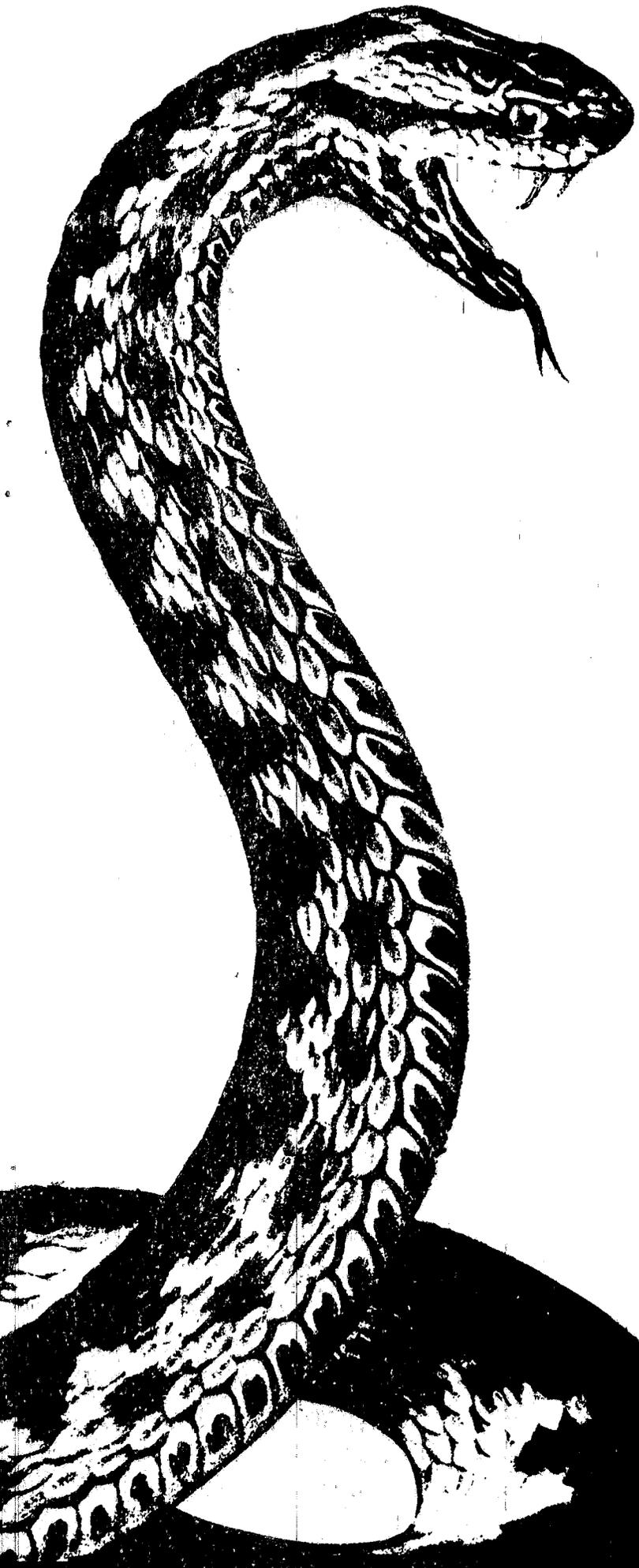


BIBLIOGRAFIA:

Ricardo Patee, "Gabriel Garcia Moreno y el Ecuador de su tiempo" - México, 1962

SEVERO GOMES JURADO, SJ, "La Consagración" - Quito, 1973.

O INFERNO



O inferno é um lugar destinado pela justiça divina para punir com suplícios eternos os que morrem em pecado mortal. A primeira pena que os condenados sofrem no inferno é a pena dos sentidos, que são atormentados por um fogo que queima horrivelmente, sem nunca diminuir de intensidade. Fogo nos olhos, fogo na boca, fogo em todas as partes. Cada sentido sofre a própria pena; os olhos sofrem pela fumaça e pelas trevas e são aterrados pela vista dos demônios e dos outros condenados. Os ouvidos, dia e noite, são escutam contínuos uivos, prantos e blasfêmias. O olfato sofre enormemente pelo mau cheiro daquele enxofre e pez ardente que o sufoca. A boca é atormentada por sede devoradora e fome canina: *Et famen patiëntur ut canes*. O mau rico no meio daqueles tormentos, ergueu o olhar para o Céu e pediu, como grande graça, uma pequena gota de água para mitigar a secura de sua língua e até essa gota de água lhe foi negada. Por isso, aqueles infelizes, requeimados de sede, devorados pelas chamas, atormentados pelo fogo, choram, gritam e se desesperam. Oh! inferno, inferno! Como são infelizes os que caem nos teus abismos! — E tu que dizes, meu filho? Se agora não podes conservar um dedo sobre a pequena chama de uma vela, se não podes aguentar nem uma fagulha de fogo na mão sem gritar, como poderás aguentar-te então entre aquelas chamas por toda a eternidade?

Considera além disso, meu filho, o remorso que experimenta a consciência dos condenados. Eles padecerão um inferno na memória, na inteligência, na vontade. Recordarão continuamente o motivo da sua perdição, isto é, por terem querido secundar alguma paixão. Esta lembrança é o verme que nunca morre: *Vermis eorum non moritur*. Recordarão o tempo que Deus lhes deu para evitar a perdição, os bons exemplos dos companheiros, os propósitos feitos e não cumpridos. Pensarão nos sermões ouvidos, nos avisos do confessor, nas boas inspirações para deixar o pecado; vendo que já não há remédio, lançarão

"QUEM TEME O INFERNO, ESFORÇA-SE SERIAMENTE PARA NÃO CAIR NELE; QUEM NELE NÃO PENSA, NELE SE PRECIPITA A OLHOS FECHADOS" (SÃO BERNARDO)

gritos desesperados. A vontade nada terá do que deseja e ao contrário, padecerá todos os males. A inteligência conhecerá finalmente o grande bem que perdeu. A alma separada do corpo, ao apresentar-se no tribunal divino, entre vê a beleza de Deus, conhece toda a sua bondade, chega a contemplar por um instante o esplendor do Paraíso, ouve talvez também os cantos harmoniosíssimos dos Anjos e dos Santos. Que dor verificar que perdeu tudo isso para sempre! Quem poderá resistir a tais tormentos?

Meu filho, tu que agora não te importas de perder o teu Deus e o Paraíso, conhecerás a tua cegueira quando vires tantos companheiros teus, mais ignorantes e mais pobres do que tu, trífarejam e gozarem no reino dos Céus, ao passo que tu serás arrojado para longe daquela pátria feliz, do gozo do mesmo Deus, da companhia da Santíssima Virgem dos Santos. Eia pois, faze penitência, não esperes para quando não houver mais tempo, entrega-te a Deus. Quem sabe se não é este o último chamado e se não correspondeste, quem sabe se Deus não te abandona e não te deixa cair naqueles eternos suplícios! Oh! meu Jesus livra-me do inferno: *A poenis inferni, libera me, Domine!*

Considera, meu filho, que se fores para o inferno, nunca mais dele sairás. Lá se sofrem todas as penas e todas eternamente. Passarão cem anos desde que caíste no inferno, passarão mil e o inferno estará ainda em seu começo; passarão cem mil, cem milhões, passarão mil milhões de séculos e o inferno terá apenas iniciado. Se um anjo levasse aos condenados a notícia que Deus os libertaria do inferno depois de passados tantos milhões de séculos quantas são as gotas de água do mar, as folhas das árvores e os grãos de areia da terra, esta notícia lhes causaria a maior satisfação. É verdade, diriam, que devem passar ainda tantos séculos, mas um dia hão de acabar. Pelo contrário, passarão todos esses séculos e todos os tempos que se possam imaginar e o inferno estará sempre no princípio. Todos os condenados fariam de boa vontade com Deus o seguinte pacto: "Senhor, aumenta quanto entenderdes este meu suplício; deixai-me nestes tormentos por quanto tempo quiserdes, contanto que me deis a esperança de que um dia hão de acabar". Mas nada: esta esperança, este

termo nunca chegará.

Se ao menos o pobre condenado pudesse enganar-se a si mesmo e iludir-se dizendo: Quem sabe, um dia talvez terá Deus piedade de mim e me arrancará deste abismo! Mas não, nem isto: verá sempre escrita diante de si a sentença de sua eternidade infeliz. Pois então, irá ele dizendo, todas estas penas, este fogo, estes gritos nunca mais acabarão para mim? Não, lhe será respondido, não, jamais. E durarão sempre? Sempre, por toda a eternidade. Sempre, verá escrito naquelas chamas que queimam; sempre, na ponta das espadas que os transpassam; sempre, naqueles demônios que o atormentam; sempre, naquelas portas eternamente fechadas para ele. Oh! eternidade! oh! abismo sem fundo! oh! mar sem praias! oh! caverna sem saída! Quem não temerá ao pensar em ti? Maldito pecado! que tremendos suplícios preparas para quem te comete! Ah! nunca mais, nunca mais pecarei durante a minha vida.

Mas o que deve encher de pavor é pensar que aquela horrível fornalha está sempre aberta debaixo de teus pés



10 "NÃO POSSO ME CONFORMAR AO VER QUE ALMAS COMPRADAS COM O SANGUE DIVINO, ENTREGAM-SE A NENHUM PREÇO AO DEMÔNIO" (Santa Terezinha)

e que é suficiente um só pecado mortal para lá te fazer cair. Compreendes bem, meu filho, o que estás lendo? Uma pena eterna por um só pecado mortal que comes com tanta facilidade. Uma blasfêmia, uma profanação dos dias santos, um furto, um ódio, uma palavra, um ato, um pensamento obsceno basta para seres condenado às penas do inferno, Oh! meu filho, escuta pois o meu conselho: Se a consciência te acusa de algum pecado, vai depressa confessar-te para começar uma vida boa. Põe em prática todos os meios que te indicar o confessor. Se for necessário, faz uma confissão geral. Promete que hás de fugir das ocasiões perigosas, dos maus companheiros e se Deus te indicasse até que deves deixar o mundo, segue logo a sua voz. Tudo que se fizer para evitar uma eternidade de

tormentos, é pouco, é nada: *Nulla nimia securitas, ubi periclitatur aeternitas* (São Bernardo), Oh! quantos na flor da idade abandonaram o mundo, a pátria, os parentes, e foram viver isolados nas cavernas, nos desertos, alimentando-se somente de pão e água, e até às vezes são de raízes, e tudo isto para evitar o inferno! E tu, que fazes, depois de tantas vezes que mereceste o inferno com o pecado? que fazes? Lança-te aos pés do teu Deus e dize-lhe: "Senhor, estou pronto a fazer o que Vós quiserdes: nunca mais hei de pecar em minha vida; já por demais vos tenho ofendido; mandai-me todos os sofrimentos que quiserdes durante esta vida, contanto que eu possa salvar a minha alma".

Extraído do livro "O JOVEM INSTRUÍDO"
(Dom Bosco)

OS TRÊS ROSÁRIOS



A 10 de março de 1615, em Glasgow, o ilustre missionário jesuíta, São João Ogilvie subia ao cadafalso. Ia expiar com o suplício da forca, "o crime" de ter pregado o Evangelho, "o crime" de ser sacerdote católico. Nessa hora, de pé, em cima do estrado donde dominava vários milhares de espectadores, querendo deixar-lhes uma lembrança e, simultaneamente, um penhor daquela Fé por que se sentia feliz em morrer, pegou um único objeto que lhe restava, um terço, e arremessou-o com força para o meio da multidão. Ora, aconteceu que o terço foi bater em cheio no peito de um rapaz húngaro, calvinista, João de Heckersdorff, que fazia viagens de estudo e recreio e nesse dia se encontrava casualmente em Glasgow. Ele ficou profundamente emocionado. A lembrança daquele terço perseguiu-o em toda parte, até o dia em que abjurou a heresia em Roma, aos pés do Santo Padre. Disse, inúmeras vezes, até morrer, que atribuía ao terço sua conversão.



O presente caso é recente. Num campo de concentração da Sibéria, um padre está cumprindo pena de prisão que injustamente lhe impôs o comunismo ateu. Não lhe deixam sequer levar seu Rosário. Mas, ele reza nos dedos e aos poucos, vai fazendo um com migalhas amassadas de pão. Com isso, ele dá uma grande mostra de devoção ao Rosário, e testemunha seu amor filial a Nossa Senhora. Esse Rosário, feito com devoção e suor foi por mãos generosas enviado ao Papa.



O terceiro Rosário é de alguém que você, caríssimo leitor, conhece muito bem: É o seu Rosário. Sim, não se entende um verdadeiro católico que não reze o terço todos os dias. E nós cremos que você é um verdadeiro católico. Mas, se porventura você não reza o terço, você não possui um Rosário, nós lhe recomendamos que passe a ter um, passe a rezá-lo todos os dias e com isso você agradará imensamente Nossa Senhora, que fará de você um verdadeiro católico, um verdadeiro devoto do Santo Rosário.

"AS GRANDES FRUSTRAÇÕES SE DÃO NO MOMENTO EM QUE O HOMEM PERCEBE QUE ELE NÃO É COMO DEVERIA SER" (Santo Agostinho)

O AMOR

NÃO É AMADO

Frequentemente passava São Francisco noites inteiras em oração. A lembrança do Crucificado queimava-o como fogo, produzindo nele uma estranha mistura de prazer e dor, de pena e de alegria. No ápice de seu espírito sentia florescer uma rubra ferida. Sempre que pensava no Crucificado, a ferida se abria e manava sangue. Então começava a chorar e não se importava que os outros o vissem chorando.

Numa sexta-feira, disse aos irmãos: Filhos, ide cuidar de vossas tarefas. Eu vou ficar em casa. Nesse dia não comeu nem bebeu nada, nem um gole de água. Acocorado no chão junto de um imenso abeto, passou a manhã pensando e sentindo a Paixão do Senhor. Lá pelas três da tarde não aguentou mais e começou a chorar. Chorava soluçando e gemendo desconsoladamente. Começou a andar pelo bosque, gemendo e chorando. Topou com um camponês e não se calou, continuou chorando. Não sentia nenhuma vergonha.

O camponês perguntou: Que aconteceu, irmão, por que estás chorando? São Francisco respondeu: Meu irmão, o Meu Senhor está na Cruz e me perguntas por que choro? Quisera ser neste momento o maior oceano da terra, para ter tudo isso de lágrimas. Quisera que se abrissem ao mesmo tempo todas as comportas do mundo e se soltassem as cataratas e os dilúvios para me emprestarem mais lágrimas. Mas ainda que juntemos todos os rios e mares, não haverá lágrimas suficientes para chorar a dor e o amor de Meu Senhor Crucificado. Quisera ter as asas invencíveis de uma águia para atravessar as cordilheiras e gritar sobre as cidades: o Amor não é amado! o Amor não é amado! Como é que os homens podem amar uns aos outros se não amam o Amor?



QUANDO A CRISTANDADE MEDIEVAL AMEAÇAVA RUIR, DEUS SUSCITOU UM JOVEM, QUE, TODO ABRASADO NO AMOR DE DEUS, REERGUEU O QUE PARECIA CAIR, E FOI UM DOS ESTEIOS QUE CONSTRUÍRAM O MAGNÍFICO SÉCULO XIII: SÃO FRANCISCO DE ASSIS.

O ABATIMENTO DOS APÓSTOLOS

Durante os três anos da vida pública de Nosso Senhor, os Apóstolos tiveram oportunidades de presenciar milagres dos maiores, de ouvir a doutrina verdadeira e santa e, sobretudo, de se beneficiarem do contato com o Divino Mestre.

Essa vivência proporcionou-lhes uma compreensão maior da Sabedoria e Santidade infinitas do Filho de Deus. Tinham, pois, carradas de razões para estarem empolgados por Nosso Senhor. Entretanto, quando começou a fase das perseguições, caíram numa espécie de desânimo. Simplesmente não entendiam as previsões da Paixão e no momento mesmo em que Jesus dela falava na Santa Ceia, denunciando que ia ser traído por um dos Doze, os Apóstolos ainda nutriam a esperança de um triunfo temporal do Messias.

Preocupados consigo mesmos, eles mantinham-se espiritualmente distantes de Nosso Senhor, disputando os cargos e as posições do poder temporal que imaginavam vir a ocupar... Estavam, pois, imersos numa profunda crise que resultou em triste defecção no Horto das Oliveiras. Diz o Evangelho que Nosso Senhor começou a sentir pavor e angústia, caindo em tristeza e abatimento. "Minha Alma está triste até à morte", disse Ele.

Mas os Apóstolos pareciam não compreendê-lo. Andavam de um lado para o outro, paravam, tornavam a andar, pensando muitas vezes nessa noite em que a fraqueza e o esgotamento O faziam sofrer. Nessa hora de suma aflição, eles estavam tíbios, indiferentes, negligentes. E dormiam: "Voltando aos discípulos, encontrou-os dormindo, acabrunhados pela tristeza". Jesus repreendeu então severamente a São Pedro: "Si não tu dormes? Não pudeste velar uma hora comigo?"

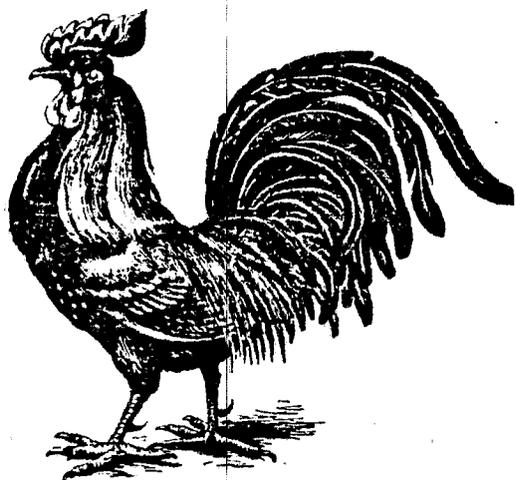
O resultado imediato desse estado de espírito, foi o pânico em que era necessária a máxima coragem. Como diz o Evangelho, "fugiram todos" quando Jesus foi preso. Apenas São Pedro seguiu de longe



"NÃO DEVEMOS NUNCA PEDIR A DEUS O QUE NÓS QUEREMOS, MAS O QUE ELE QUER"
(S. NILO)



o lúgubre cortejo "para ver o desfecho". Mas seus sentimentos eram tão naturalistas que se esqueceu completamente das previsões de Nosso Senhor e O negou três vezes antes que o galo cantasse...



O que se terá passado na alma dos Apóstolos quando souberam que Jesus havia sido crucificado, quando viram o escurecimento do céu, os tremores de terra e os cadáveres dos justos da antiga lei increpando o deicídio? Que fizeram eles quando a natureza serenou e voltou à sua normalidade? No estado péssimo em que se achavam, por algum trabalho misterioso da graça, eles procuraram Maria Santíssima, a Arca da Aliança. Aquela em quem unicamente residia a Fé plena na Ressurreição. Em torno dEla, os Apóstolos se reagruparam e por intermédio dEla começou a despertar neles a esperança do milagre que viria e a segurança no meio da tormenta. Na hora adequada foram informados da

Ressurreição, aceitaram, tiveram fé e exultaram. Nesse momento, todos os mistérios foram desvendados, as esperanças mais audaciosas se confirmaram, ao mesmo tempo que se lhes concedia um imenso perdão. Os Apóstolos passaram por uma verdadeira conversão. Depois receberam o Espírito Santo e se tornaram aqueles faróis da Humanidade que todos nós conhecemos.

Podemos tirar daqui uma lição para nossos dias? Sem dúvida.

A Santa Igreja Católica, Apostólica, Romana, é imortal. Mas pode passar por horas tão tristes e más como as da crucifixão do Salvador. Nessas horas, o que fazer? Não dormir como os Apóstolos. Não imitá-los na indiferença. Pelo contrário, aproximarmo-nos de Nossa Senhora, Medianeira de todas as graças, e suplicar que nos dê coragem e alento na hora da provação.

Quando a Igreja parece mais abandonada, ela se encontra mais próxima da sua "Ressurreição". Assim, enquanto está passando por um triste processo de "autodemolição" conforme a expressão de Paulo VI, ela pode e deve, por outro lado, contar com a proteção da Virgem Mãe de Deus que em Fátima lhe prometeu a maior vitória de todos os tempos: "Por fim, o Meu Imaculado Coração triunfará".

(Agência Boa Imprensa - ABIM).



FRANCISCO MARTO

Francisco tinha 9 anos por ocasião das aparições de Nossa Senhora na Cova da Iria. Quando Lúcia perguntou, no fim da primeira aparição, se Francisco iria para o Céu, a Santíssima Virgem disse que sim, mas ele teria que rezar muitos terços...

Em outros termos, o pequeno pastor precisava converter-se. Presumivelmente era devido suas faltas que ele não ouvia nem falava com Nossa Senhora. Apenas A via.

Essa circunstância é própria a nos fazer pensar: se de um humilde pastorzinho, de tão pouca idade, vivendo naquele preservado e recolhido ambiente interiorano do catolicíssimo Portugal do começo do século, a Providência exigia uma verdadeira mudança de mentalidade para poder entrar no Céu, quanto mais não se pedir dos católicos que vivem neste fulginoso fim do século, que chega no auge em matéria de pecado?

Francisco, depois de gozar da inaudita felicidade de ver a Mãe de Deus, transformou-se completamente. A expressão séria de Nossa Senhora, sua mensagem, tocou fundo na alma do vidente. Seu único pensamento passou a ser rezar e sofrer o mais possível para consolar Jesus e Maria. Sua missão específica neste mundo e no outro seria esta. Enquanto Lúcia devia ficar na terra para conservar a integridade da Mensagem de Fátima e difundir a devoção ao Imaculado Coração de Maria, a Jacinta coube rezar pela conversão dos pecadores e ao Francisco reparar e consolar. Tanto estava com penetrado disto, que, pouco antes de morrer, quando Lúcia pediu que rezasse pelo Papa, pelos pecadores, por ela e por Jacinta quando estivesse na presença de Deus, o pequeno não quis garantir nada. Temia esquecer-se, pois a única coisa que pretendia fazer no Céu era consolar Nosso Senhor...

E toda essa tristeza e aquele sem número de penitências que os videntes de Fátima julgaram imprescindível aplicar a seus frágeis corpos, deviam-se aos pecados que presenciavam em 1917.

De lá para cá como se avolumou a montante de pecados: pecados individuais, pecados das nações, pecados das



Francisco Marto

instituições, pecados públicos. Como a ofensa feita a Deus cresceu incomensuravelmente!

A iniquidade atingiu em nossos dias proporções incomparáveis: pornografias por toda parte, em especial nos meios de comunicação; abortos em números mais que assustadores; homossexualismo, drogas, divórcios e tantas outras formas de maldade que à época das aparições de Nossa Senhora em Fátima não estavam nas medidas e proporções de nossa época.

E, se o pecado está nos níveis em que está, a reparação se faz tanto mais necessária. E que seja tal que caminhe para a abolição de todo mal e a implantação de todo bem. DEUS QUER DE NÓS UMA REPARAÇÃO COMBATIVA.

Francisco está no Céu. Nossa Senhora o prometeu. Pedamos a ele que obtenha para nós um desejo ardente de reparar o Imaculado Coração de Maria e o Sagrado Coração de Jesus pelos sofrimentos inenarráveis causados pelo estado da humanidade em nossos dias.

Os leitores poderão fazer bem idéia do espírito de reparação que animava Francisco, lendo um trecho do diálogo que manteve com Lúcia, pouco antes da morte. Transcrevemo-lo do famoso livro do Pe. João de Marchi, "Era uma Senhora mais brilhante que o sol..."

- "Francisco sofres muito? pergunta então a Lúcia carinhosamente.

- Sim sofro. Mas sofro por amor de Nosso Senhor e de Nossa Senhora. Queria sofrer mais, mas não posso.

E assegurando-se de que a porta estivesse bem fechada, procurava a corda cilício debaixo das roupas e entregava-as à prima;

- Toma-a, leva-a, antes que a minha mãe a veja. Agora já não sou capaz de a ter à cinta.

Momentos depois lá ia também a Jacinta com o seu bocadinho de corda que depunha nas mãos da prima, não sem pensar.

- Guarda-ma, que tenho medo que a minha mãe a veja. Se eu melhorar, quero-a outra vez.

Esta corda era a única coisa do mundo a que os pequenos tinham apego. Para Francisco e Jacinta era a única coisa que tinha verdadeiramente valor.

E para nós também, ter-nos-ia sido preciosa relíquia se a Lúcia não a tivesse queimado antes de ir para o Colégio das Dorotéias em Vilar.

- Olha Lúcia - continuava Francisco - já me falta pouco para ir para o Céu. A Jacinta vai pedir muito pelos pecadores, pelo Santo Padre e por ti. Tu ficas cá, porque Nossa Senhora o quer. Olha, faz tudo o que Ela te disser.

Enquanto a Jacinta - comenta a Lúcia - parecia preocupada com o único pensamento de converter os pecadores e livrar as almas do inferno, ele parecia só pensar em consolar a Nosso Senhor e Nossa Senhora que lhe tinham parecido estar tão tristes.

- Estou muito mal, Lúcia - repetia - já me falta pouco para ir para o Céu.

- Então vê lá, não te esqueças de lá pedir muito pelos pecadores, pelo Santo Padre, por mim e pela Jacinta".

Sirva o exemplo desse santo menino, vidente de Fátima para nós, homens do fim do século XX. Diante de um mar de pecados que há em torno de nós, procuremos levar uma vida de oração e sacrifícios, em reparação a tantas ofensas que os Sagrados Corações de Jesus e Maria recebem dos homens. Nos tempos de Francisco a situação do mundo não era tão ruim quanto hoje e ele tanto fez em caráter de reparação. Com o aumento do mal em nossos tempos, qual a nossa atitude?



O Verbo de Deus Bem Amado,

ensinai-me a ser generoso,

a Vos servir como mereçais,

a dar sem calcular,

*a combater sem preocupação
das feridas,*

a trabalhar sem esperar

outra recompensa,

*que a de saber que faço
a Vossa Santa Vontade.*

Amen

Santo Inácio de Loyola

